

No subterrâneo, há 25% do PIB

Embora países em desenvolvimento ou politicamente instáveis, sejam mais propensos à inchação, a economia subterrânea é um **privilegio** de todos os países do mundo e não somente daqueles que adotaram o sistema capitalista, como insinuavam estudos realizados pelo francês Fernand Brodoaux. No século XVII ele fez os primeiros levantamentos da economia paralela, seus reflexos e as razões de seu fortalecimento. Nos países socialistas, o regime centralizador pode favorecer tanto a circulação de propinas e o recebimento dos "por fora" quanto às aplicações no mercado negro do ouro e do dólar, de forma a truncar os cálculos da econometria e seus resultados.

Nos países subdesenvolvidos, entretanto, o caso é sempre mais grave e uma constante ameaça ao comércio fiscalizado — pois nesses o subemprego a camelotagem e a agiotagem concorrem de perto com a cor-

rupção a camelotagem e os altos investimentos em moedas estrangeiras e em bens aparentemente estáveis, como ouro e pedras. Marcilio Marques Moreira, diretor do Unibanco e economista dedicado ao estudo do fenômeno do crescimento da economia subterrânea, acha que o assunto "é bem mais importante do que se imagina".

A busca, pelos investidores, da liquidez através da economia subterrânea, para ele, é uma saída que os empresários encontram para não quebrar, diante da ausência de uma política econômica nítida e definida. Os estudos que vem realizando — que terminarão com a publicação de um livro — se concentram, nessa fase, no que ele define como "economia informal", ou seja, a camelotagem, as feiras, o comércio negro do ouro, o artesanato, de certa forma o turismo e o lazer.

Trata, porém, com destaque, dos investimentos no mercado negro de moedas estrangeiras, ao longo de pesquisas que lembram a tomada das medidas governamentais e seus reflexos na inchação da economia subterrânea.

Para Moreira, a economia informal é resultado, entre outras coisas, dos empecilhos burocráticos impostos pela sociedade centralizadora. A feira, no seu entender, é um paradigma da economia informal, que também tem uma razão natural de surgimento, embora não seja natural seu agigantamento à margem do controle do Estado.

Ele também defende a idéia de que a economia informal é uma válvula de escape diante das pressões sociais. "No caso do urbanismo, por exemplo, a favela é um exemplo claro de um crescimento marginal da sociedade em relação ao crescimento oficial. Essa referência

pode substanciar o surgimento da economia subterrânea", comenta, completando que, enquanto asfixia o comércio fiscalizado, a economia informal permite a descompressão social comportando empregos.

Marcilio Marques Moreira não crê que a economia subterrânea chegue a mais de 25% do PIB, mas credita à sua absorção de empregos um percentual que pode se aproximar de 40% no caso do Brasil. Há, também, para ele, "um colchão absorvedor da pressão social que é a economia agrícola". Afirma que a economia subterrânea é natural em qualquer país, porém seu crescimento desmesurado pode representar "uma disfunção social". Desenvolve um raciocínio para justificar que o fortalecimento da economia subterrânea carrega consigo ameaças à justiça social, enquanto pode ser um respiradouro da sociedade. "Deve ser como a janela de uma casa, nunca o portão principal".